**África**, o terceiro maior continente da Terra, ocupa, com as ilhas adjacentes, uma superfície de cerca de 30.330.000 km2 ou 22% do total da massa terrestre.

**Ambiente natural**

Com a exceção da costa norte e dos montes Atlas, o território africano é um planalto vasto e ondulado, desfigurado por grandes bacias.

A África pode ser dividida em três regiões: o planalto setentrional, os planaltos central e meridional e as montanhas do leste. Em geral, a altitude do continente aumenta de noroeste para sudeste. As faixas litorâneas baixas, com exceção da costa mediterrânea e da costa da Guiné, são estreitas e elevam-se bruscamente em direção ao planalto.

A característica peculiar do planalto setentrional é o Saara, que se estende por mais de um quarto do território africano. Os planaltos central e meridional englobam várias depressões importantes, em especial a bacia do rio Congo e o deserto de Kalahari. Outros elementos ao sul do planalto são as montanhas Drakensberg, na costa a sudeste, e o Karoo.

As montanhas orientais, que constituem a parte mais alta do continente, se prolongam desde o mar Vermelho até o rio Zambeze. A região tem uma altitude média superior a 1.500 m, embora no planalto etíope aumente gradualmente até chegar aos 3.000 m. Ao sul do planalto etíope, erguem-se vários picos vulcânicos, como o monte Kilimanjaro, o Quênia e o Elgon. Um elemento topográfico característico é o Rift Valley. A oeste, fica a cordilheira Ruwenzori.

Existem seis importantes redes de drenagem, pontilhadas por cataratas, como as cataratas Vitória, ou corredeiras que impedem a navegação. São as bacias dos rios Nilo, Congo, Níger, Zambeze, Orange e a bacia interior do lago Chade, a maior área de drenagem do continente. Entre os numerosos lagos, destacam-se os de Turkana, Albert, Tanganica, Malavi e Vitória.

Podem-se distinguir sete zonas climáticas e de vegetação. No centro do continente e na costa oriental de Madagascar, o clima e a vegetação são tropicais. O clima da costa de Guiné assemelha-se ao clima equatorial, mas tem apenas uma estação de chuvas.

No norte e no sul, o clima próprio de floresta tropical é substituído por uma zona de clima tropical de savana que envolve um-quinto da África. Longe do equador, ao norte e ao sul, a zona do clima de savana transforma-se em uma zona de estepe seca. As zonas das extremidades noroeste e sudoeste são de clima mediterrâneo. Nos planaltos elevados da África meridional, o clima é temperado.

A África tem uma área de clima árido, ou desértico, maior do que em qualquer outro continente, com exceção da Austrália. No Saara ao norte, no Chifre da África ao leste e nos desertos de Kalahari e da Namíbia ao sudoeste, as precipitações anuais são inferiores a 250 mm e a vegetação só aparece nos oásis.

No que diz respeito à fauna, a África apresenta duas zonas diferenciadas. A do norte e noroeste, que inclui o Saara e carateriza-se por uma fauna parecida com a da Eurásia (o arruí, o cervo vermelho africano e dois tipos de íbis são originários da costa setentrional africana). A outra zona é a da África ao sul do Saara, com uma grande variedade de animais, entre os quais estão os antílopes, as girafas, os elefantes africanos, os leões e os leopardos.

A África é riquíssima em recursos minerais. Possui a maioria dos minerais conhecidos, muitos deles em quantidades notáveis. Tem grandes jazidas de carvão, reservas de petróleo e de gás natural bem como as maiores reservas do mundo de ouro, diamantes, cobre, bauxita, manganês, níquel, rádio, germânio, lítio, titânio e fosfato.

**População**

Na parte norte do continente, inclusive no Saara, predominam os povos caucasóides, principalmente berberes e árabes. Constituem aproximadamente a quarta parte da população do continente. Ao sul do Saara, predominam os povos negróides, cerca de 70% da população africana. Na África meridional, existe uma concentração de povos khoisan, san (bosquímanos) e khoikhoi (hotentotes). Os pigmeus concentram-se na bacia do rio Congo e na Tanzânia. Agrupados principalmente na África meridional, vivem 5 milhões de brancos de origem européia.

Em meados da década de 1980, a população total era estimada em 550 milhões, o que equivale a 11% da população mundial. A densidade demográfica média, cerca de 18 hab/km2, inclui grandes áreas desérticas que são praticamente desabitadas. Quando calcula-se a densidade nas terras produtivas, a densidade aumenta para até 139 hab/km2. As áreas mais densamente povoadas são as costas setentrionais e ocidentais, as bacias dos rios principais e o planalto oriental.

A taxa de natalidade é de 46%. A de mortalidade caiu para 17%. A população cresce anualmente em 2,9% e a metade tem 15 anos de idade ou menos. A população continua sendo de maioria rural e só um-quinto vive em cidades com mais de 20.000 habitantes. O crescimento urbano aumentou muito a partir da década de 1950. O norte é a zona mais urbanizada.

Na África, falam-se mais de mil línguas diferentes. Além do árabe, as mais faladas são o suaíle e o hauçá. As principais famílias ou grupos idiomáticos são o congo-cordofanês, o nilo-saariano, o camito-semítico ou afro-asiático e o das línguas khoisan. *Ver* Línguas africanas.

O cristianismo, a religião mais difundida, e o islamismo são as principais religiões. Cerca do 15% dos povos africanos praticam religiões animistas ou locais. *Ver* Religião.

Grande parte da atividade cultural africana concentra-se na família e no grupo étnico. Com a intensificação do nacionalismo, a cultura tradicional africana teve recentemente um importante ressurgimento. *Ver* Literatura africana.

**Economia**

Em sua maioria, os africanos são tradicionalmente agricultores e pastores. A colonização européia aumentou a demanda externa de determinados produtos agrícolas e minerais. Para atendê-la, construíram-se sistemas de comunicação, introduziram-se cultivos e tecnologia europeus e desenvolveu-se um moderno sistema de economia de intercâmbio comercial, que continua coexistindo com a economia de subsistência.

Embora cerca de 60% de toda a terra cultivada seja ocupada pela agricultura de subsistência, a África produz e exporta mais da metade da produção mundial de cacau, mandioca, cravo e pita. As fazendas e plantações, propriedades de europeus e situadas na África oriental e meridional, produzem cítricos, tabaco e outros produtos alimentares destinados à exportação. Fora das áreas de floresta, pratica-se a agropecuária extensiva, mas raramente com finalidade comercial.

Embora um quarto do território africano seja coberto por florestas, grande parte da madeira só tem valor como combustível. Gabão é o maior produtor de *okoumé,* um derivado da madeira usado na elaboração de compensado (madeira em chapa). Costa do Marfim, Libéria, Gana e Nigéria são os maiores exportadores de madeira de lei. A pesca interior concentra-se nos lagos do Rift Valley. A pesca marítima, que é muito difundida e voltada para o consumo local, adquire importância comercial no Marrocos, na Namíbia e na África do Sul.

A mineração representa a maior receita dentre os produtos exportados. As indústrias de extração mineral são o setor mais desenvolvido em boa parte da economia africana. A África responde por cerca de um-terço da produção mundial de urânio, por 20% das reservas mundiais de cobre, 90% do cobalto e três-quartos do ouro mundial. Além disso, Serra Leoa tem a maior reserva conhecida de titânio. As minas da África do Sul e do Zaire produzem praticamente a totalidade das gemas e dos diamantes industriais do mundo. O grosso da riqueza mineral é explorado por grandes empresas multinacionais.

A nação mais industrializada é a África do Sul, embora já tenham sido implantados notáveis centros industriais no Zimbábue, no Egito e na Argélia. Em boa parte da África, a manufatura limita-se à fabricação ou à montagem de bens de consumo.

**História**

Há aproximadamente 5 milhões de anos, um tipo de hominídeo habitava o sul e o leste da África. Há cerca de 1,5 milhão de anos, esse hominídeo evoluiu para formas mais avançadas: o *Homo habilis* e o *Homo erectus.* O primeiro homem africano, o *Homo sapiens,* data de mais de 200.000 anos (*ver* Hominização). A população negróide, que dominava a domesticação de animais e a agricultura, expulsou os grupos bosquímanos para as zonas mais inóspitas. No primeiro milênio a.C., o povo banto, um dos grupos dominantes, começou uma migração que durou 2.000 anos e povoou a maior parte da África central e meridional.

A primeira grande civilização africana começou no vale do Nilo por volta de 5000 a.C. O reino do Egito desenvolveu-se e influiu nas sociedades mediterrâneas e africanas por milhares de anos.

Entre o fim do século III a.C. e início do século I, Roma conquistou o Egito, Cartago e outras áreas do norte da África. O império dividiu-se em duas partes no século IV. Todos os territórios a oeste da Líbia continuaram pertencendo ao Império do Ocidente, governado por Roma, enquanto os territórios a leste, inclusive o Egito, passaram a fazer parte do Império Bizantino, sob o comando de Constantinopla. No século V, os vândalos conquistaram grande parte do norte da África e governaram até o século VI, quando foram derrotados pelas forças bizantinas e a área foi absorvida pelo Império do Oriente. Os exércitos islâmicos invadiram a África em 623, depois da morte de Maomé, e rapidamente venceram a resistência bizantina no Egito.

A partir de suas bases no Egito, os árabes invadiram os reinos berberes do ocidente. Enquanto os berberes do litoral converteram-se ao islamismo, muitos outros retiraram-se para os montes Atlas e o interior do Saara.

Os turcos otomanos conquistaram o Egito em 1517 e durante os 50 anos seguintes estabeleceram um controle aparente sobre a costa norte-africana. O poder real, porém, permaneceu nas mãos dos mamelucos que governaram o Egito até serem derrotados por Napoleão em 1798.

Na África ocidental, surgiu uma série de reinos de população negra cuja base econômica estava no controle das rotas comerciais transarianas. *Ver* Reino de Gana, Império de Mali e Songhai.

A leste de Songhai, entre o rio Níger e o lago Chad, surgiram as cidades-estados de Hauçá e o império de Kanem-Bornu. Ao que parece, o islamismo foi introduzido nos reinos hauçá no século XIV, a partir de Kanem-Bornu.

Os primeiros documentos da história da África oriental, que aparecem no périplo do mar de Eritréia (c. 100), descrevem a vida comercial da região e seus laços com o mundo fora da África. Imigrantes indonésios chegaram a Madagascar durante o primeiro milênio com novos produtos alimentares, sobretudo a banana, que foi logo introduzida no continente. Povos de fala banto, que se estabeleceram no interior, formaram reinos tribais e absorveram os povos bosquímanos e nilóticos que ocupavam as áreas interlacustres, mais interiores. Os colonos árabes ocuparam a costa e estabeleceram cidades comerciais. No século XIII, foram criadas algumas notáveis cidades-estados, voltadas para o mar, embora o seu impacto político sobre os povos do interior tenha sido mínimo até o século XIX.

O primeiro esforço contínuo dos europeus com relação à África só veio a partir de dom Henrique o Navegador, príncipe de Portugal. Depois de 1434, foram organizadas numerosas expedições e, em 1497-1498, Vasco da Gama contornou o cabo da Boa Esperança e chegou à Índia.

O comércio português atraiu os rivais comerciais europeus, que no século XVI criaram suas próprias feitorias e enclaves para captar o comércio existente. Com o aumento do comércio de escravos para as Américas, as guerras pelo controle do comércio africano tornaram-se mais intensas. Durante os quatro séculos de tráfico de escravos, um número incalculável de africanos foi vítima desse comércio de vidas humanas (*ver* Escravidão). O primeiro reino importante que se beneficiou com o comércio de escravos foi Benin. No fim do século XVII, foi substituído pelos reinos de Daomé e Oio. Em meados do século XVIII, o povo ashanti tornou-se o maior poder da África ocidental.

O desejo britânico de acabar com o tráfico de escravos baseava-se nas perspectivas de reorganizar o comércio africano com vistas a outras exportações, aumentar a atividade missionária e impor a jurisdição do Governo britânico sobre propriedades que tinham pertencido a comerciantes britânicos. Essas ações levaram-no a assumir a soberania de certos territórios africanos.

No fim do século XVIII, o interesse científico e a busca de novos mercados começou a estimular uma era de explorações, em que se destacam figuras como James Bruce, Mungo Park, Heinrich Barth, David Livingstone, John Haning Speke, James Augustus Grant e Samuel White Baker. Aos exploradores seguiram, ou em alguns casos precederam, os missionários cristãos e mais tarde os comerciantes europeus.

Na Conferência de Berlim (1884-1885), as potências definiram as suas zonas de influência e a África ficou praticamente dividida entre elas. *Ver* Imperialismo.

A II Guerra Mundial enfraqueceu psicológica e fisicamente as potências coloniais. A gangorra do poder internacional pendeu para os Estados Unidos e a União Soviética, dois estados anticolonialistas. Na década de 50, o exemplo das novas nações independentes de outros continentes, as atividades dos movimentos revolucionários e a efetividade de líderes carismáticos agilizaram o processo de independência. No fim da década de 70, quase toda a África havia se tornado independente.

Os jovens Estados africanos enfrentam vários problemas básicos, como o desenvolvimento econômico, o neocolonialismo e a incapacidade de se fazerem ouvir nos assuntos internacionais. A maioria dos Estados africanos é considerada parte do Terceiro Mundo.



**África**

As forças tectônicas que separaram a África da América do Sul há 150 milhões de anos criaram um continente cuja principal característica topográfica é um vasto e ondulado planalto. Os cientistas encontraram na África microorganismos fósseis de 3.200 milhões de anos, que atestam uma das primeiras formas de vida existentes na Terra.

**Africanas, Línguas**, línguas indígenas do continente africano. Na África são faladas mais de mil línguas diferentes. Com exceção do árabe, que excede o continente, as línguas mais faladas são o *suaili* e o *haussa* que contam, cada uma, com mais de dez milhões de falantes. Poucas possuem documentos literários escritos, embora a maioria apresente ampla tradição de testemunhos orais.

**Classificação das línguas**

Classificam-se em quatro grandes famílias: camito-semítica ou afro-asiática, nilo-saariana, khoi-san e nigero-kordofana. Chama-se família de línguas o grupo de idiomas procedentes de um tronco comum. As famílias se subdividem em ramos constituídos por línguas próximas e inter-relacionadas.

**Família camito-semítica**

Constitui o grupo mais importante. O árabe, ramo mais importante, é a língua mais falada no norte do continente e República do Sudão. O aramaico, falado por cinco milhões de pessoas, é o idioma oficial da Etiópia. Entre as línguas semíticas faladas no norte da África, estão o tigrinia e o tigré da Eritréia.

O ramo bérbere é falado por quase toda a população do Marrocos, Argélia e Tunísia, além dos grupos disseminados pelo norte da África. O ramo cuchítico está localizado na Etiópia, Somália, costas do mar Vermelho e inclui o orominga e o somali. O egípcio antigo, hoje sem descendência entre as línguas vivas, era desta mesma família (*ver* Língua copta). O ramo tchádico se estende ao norte da Nigéria e a mais importante é a língua haussa.

**Família nilo-saariana**

É falada ao longo de um território que se estende pelas margens do rio Níger até a Etiópia, através do vale do alto Nilo e em algumas partes da Uganda e do Quênia. O membro mais ocidental desta família é o songhai, falado em grande parte do Alto Níger, Mali e Níger. O ramo saariano abrange as línguas do norte da Nigéria, da República do Chade e de alguns assentamentos da Líbia. O ramo nilo-chadiano conta com um milhão de falantes no Sudão, norte do Chade, parte de Uganda e do Quênia, e no limite noroeste do Congo. As línguas núbias se localizam na fronteira do sul do Egito, ao longo do alto Nilo.

**Família khoi-san**

É formada por línguas que contam com menor número de falantes, não mais do que cem mil em todo o continente. São os idiomas falados pelos povos do sul da África, os san e os kikuius. O mais falado é o nama. A noroeste da Tanzânia existem duas línguas da mesma família, a sandawe e a hadza.

**Família nígero-kordofana**

Inclui duas subfamílias: a kordofana e a nígero-congolesa. A primeira abrange cerca de trinta línguas e se localiza em uma área pequena ao sul do Sudão, nas montanhas de Nuba. A nígero-congolesa se distribui por quase todo o continente, ao sul do deserto do Saara.

Em decorrência das migrações, a subfamília nígero-congolesa fragmentou-se em várias ramos ao longo de mais de 5.000 anos. As línguas bantos pertencem a um ramo desta subfamília e as mais conhecidas são o zulu da África do Sul, o suaili e o sukuma da Tanzânia e o ruandês de Luanda. Atualmente, começa a ser conhecida a produção literária dos escritores das línguas banto.

**Outras famílias lingüísticas**

As famílias indo-européia e malaio-polinésia estão também presentes nos idiomas africanos. À família indo-européia pertencem o africâner e inglês, idiomas da República da África do Sul e do Zimbábue, o francês, falado nas antigas colônias africanas francesas, e o espanhol da Guiné e províncias espanholas de Ceuta e Melilla. O malgaxe, idioma de Madagascar, pertence à família malaio-polinésia.